



Revista
de Psicologia
ISSN 2179-1740

ESCALA DE ATITUDES FRENTE À HOMOSSEXUALIDADE (ATHO): CONSTRUÇÃO E PRODUÇÃO DE EVIDÊNCIAS DE VALIDADE

*ATTITUDES TOWARDS HOMOSEXUALITY SCALE (ATHO): CONSTRUCTION AND
PRODUCTION OF EVIDENCE OF VALIDITY*

Mozer de Miranda Ramos¹
Elder Cerqueira-Santos²

Resumo

O objetivo do presente artigo foi produzir evidências de validade para uma medida de homofobia. Para isso, foram desenvolvidos processos de adaptação de itens de uma escala de homofobia sutil e manifesta e um survey online com 985 indivíduos brasileiros, maiores de 18 anos e como média de idade de 26,01 anos (DP = 7,52). Além desse instrumento, foi aplicado um questionário sócioidentitário, uma escala de preconceito contra diversidade sexual e de gênero e uma escala de homofobia internalizada. Com a amostra selecionada foram executadas uma Análise Fatorial Exploratória e uma Análise Fatorial Confirmatória, além de medidas para identificar evidências de validade de critério, convergente e concorrente. Os resultados apontaram para a possibilidade de existência de dois modelos na Escala de Atitudes frente à Homossexualidade (ATHO), um com dois fatores, Atitudes Distais ($\alpha = 0,855$) e Atitudes Proximais ($\alpha = 0,819$), e outro com fator único ($\alpha = 0,881$), os dois com ajustes satisfatórios. A correlação com outra medida de preconceito contra diversidade sexual foi significativa, positiva e com elevada magnitude ($r = 0,851$). Homens, moradores de cidades pequenas ou médias, pessoas que estudaram até o Ensino Médio e indivíduos heterossexuais apresentaram significativamente maiores pontuações na ATHO do que os grupos pares. Esses resultados atestam que há indícios de validade na escala, indicativos de boas propriedades psicométricas e que ela pode ser utilizada para investigação da homofobia.

Palavras-chave: Homofobia; Homossexualidade; Preconceito; Escalas.

Abstract

The objective of this article was to produce evidence of validity for a measure of homophobia. For that, an adaptation process of items of a subtle and manifested homophobia scale was developed and an online survey was carried out with 985 Brazilian individuals, over 18 years of age and with an average age of 26.01 years (SD = 7.52). In addition to this instrument, a socio-identity questionnaire, a scale of prejudice against sexual and gender diversity and an internalized homophobia scale were applied. With the selected sample, an Exploratory Factorial Analysis and a Confirmatory Factor Analysis were performed, in addition to measures to identify evidence of criterion validity, convergent and concurrent. The results pointed to the possibility of two models on the Scale of Attitudes towards Homosexuality (ATHO), one with two factors, Distal Attitudes ($\alpha = 0.855$) and Proximal Attitudes ($\alpha = 0.819$), and the other with a single factor ($\alpha = 0.881$), both with satisfactory adjustments. The correlation with another one measure of prejudice against sexual diversity was significant, positive and of high magnitude ($r = 0.851$). Men, residents of small or medium-sized cities, people who studied up to high school and heterosexual individuals had significantly higher scores in ATHO than peer groups. These results attest that there are signs of validity on the scale, indicative of good psychometric properties and that it can be used to investigate homophobia.

Keywords: Homophobia; Homosexuality; Prejudice; Scaling.

¹ Universidade Federal de Sergipe, Brasil. Doutorando em Psicologia – mozeramos@gmail.com. Endereço para correspondência: Mozer de Miranda Ramos (Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Psicologia. Av. Marechal Rondon, s/n, Campus da UFS, Bloco Departamental IV. São Cristóvão, SE, Brasil, CEP 49100-000; (79) 2105 6600). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5164-1543>

² Universidade Federal de Sergipe, Brasil. Doutor em Psicologia – eldercerqueira@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1116-6391>

INTRODUÇÃO

A homofobia é um preconceito amparado em atitudes e comportamentos negativos direcionados a indivíduos não-heterossexuais (como lésbicas, gays e bissexuais), onde a orientação sexual é o fator cognitivo e/ou afetivo que a produz. As expressões da homofobia atingem esse grupo minoritário de diversos modos: violência, exclusão, discriminação, infra-humanização, inferiorização etc. (Albuquerque & Williams, 2015; Costa, Peroni, Camargo, Pasley, & Nardi, 2015; Ferreira & Ferreira, 2015; Gato, Fontaine, Leme, & Leme, 2015; Natarelli, Braga, Oliveira, & Silva, 2015; Perucchi, Brandão, & Vieira, 2014). E por isso, produz efeitos adversos na vida dos indivíduos vitimizados, como desfechos negativos na saúde mental (Pachankis, Sullivan, Feinstein, & Newcomb, 2018; Plöderl, & Tremblay, 2015). Além disso, a homofobia associa-se positivamente com outros fenômenos como o racismo e o conservadorismo político (Costa, Bandeira, & Nardi, 2013).

Os principais instrumentos utilizados para avaliar a homofobia (que nesse trabalho engloba termos correspondentes como homonegatividade, preconceito contra diversidade sexual, atitudes negativas direcionadas a homo/bissexualidade e heterossexismo) focam apenas no caráter afetivo das relações (Costa et al., 2013). No entanto, há outras dimensões de exercício do preconceito, seja contra diversidade sexual ou de cunho racista, entre eles aspectos políticos e sociais (Brown, 2011; Lima & Vala, 2004; Tougas et al., 2004), chamados de preconceito moderno. No campo da orientação sexual, surgiram instrumentos que objetivavam englobar essa dimensão, como a *Modern Homophobia Scale* (Raja & Stokes, 1998) e a Escala de Homofobia Sutil e Manifesta (EHSM) (Del Castillo, Rodríguez, Torres, Pérez, & Martel, 2003). Ao buscar mensurar essa manifestação “moderna” do preconceito, diferenciando de manifestações “antiquadas” pela inclusão de dimensões sociais e afetivas (Morrison & Morrison, 2003), essas escalas aproximam-se dos níveis de homofobia propostos por Herek (2004). No primeiro nível, a homofobia ataca a identidade, o comportamento e a comunidade LGBTQ+, é direcionada às características grupais e não às individuais. No segundo nível, a homofobia está voltada para as estruturas sociais, como acesso a direitos e equidade. No terceiro nível é que haveria uma dimensão ligada a afetos negativos, como preconceito, sentimentos negativos e discriminação.

A EHSM apresenta itens que se relacionam com essas diferentes dimensões. A escala foi criada com base no instrumento de Pettegrew e Meertens (1995), que mensura preconceito sutil e manifesto em minorias étnicas (Del Castillo et al., 2003). Os estudos acerca do racismo possuem um extenso histórico de teorização e análise na Psicologia Social e, só mais recentemente, os pesquisadores do campo da orientação sexual começaram a se apropriar dessas teorias para pensar a preconceito contra as minorias sexuais (Gato, Carneiro, & Fontaine, 2011).

Apesar da base teórica promissora e da boa adaptação dos itens, o estudo de validação da EHSM apresenta falhas metodológicas ou psicométricas. É realizada uma análise de componentes principais, apesar do entendimento de que uma Análise Fatorial Exploratória fosse mais adequada, bem como o uso de rotação oblíqua em detrimento da ortogonal (Damásio, 2012). Os procedimentos de construção da escala e de produção de evidências de validade são subnotificados no artigo (Del Castillo et al., 2003). Além de outras inconsistências, é possível destacar que alguns itens possuem cargas fatoriais consideráveis em mais de um componente, mesmo após o procedimento de rotação, o que não é desejado (Damásio, 2012) e o tamanho amostral reduzido. Tais especificidades da escala podem desencorajar seu uso e diminuir sua confiabilidade. O componente de homofobia explícita apresentou nesse estudo alfa de Cronbach de 0,71 e o de homofobia implícita 0,63. Nesse modelo, cada componente foi avaliado como uma

escala independente, contendo, inclusive, subcomponentes. Desse modo, o primeiro componente explicou 43,58% da variância e o segundo 52,74%.

A despeito disso, há ao menos duas adaptações da referida escala para o contexto brasileiro (Marinho, Marques, Almeida, Menezes, & Guerra, 2004; Souza, 2013). Apesar de realizarem procedimentos psicométricos mais robustos (e. g., Marinho et al., 2013; utiliza análise fatorial), as amostras também são compostas exclusivamente por estudantes, o que dificulta a generalização dos achados pela especificidade da amostra. Entretanto, o tamanho das amostras também parece ser insuficiente para as técnicas psicométricas realizadas. Os achados e métodos empregados não são amplamente concordantes e a inadequabilidade da divisão em fatores implícitos e explícitos fica mais evidente, destacando-se a adaptação de Souza (2013), que optou por rebatizar os componentes.

Há uma inespecificidade no termo *implícito*. Em primeira via, mensuração implícita refere-se a instrumentos que não permitem que o respondente controle voluntariamente suas respostas [como o IAT (Teste de Associação Implícita) e o EP (*Priming* Avaliativo)], o que não é possível em uma medida de autorrelato (Sacco, 2017). Em segunda via, pensar em homofobia implícita refere-se, no campo da sexualidade, com algum esforço de aproximação dos constructos, à homofobia internalizada por sujeitos homossexuais (Antunes, 2017). Essas possibilidades interpretativas podem provocar relevantes erros na avaliação do instrumento e das pesquisas que o utilizam, pois não é a intenção das escalas e suas propriedades não dão conta desses constructos. Preconceito sutil e preconceito implícito referem-se a constructos teóricos diferentes (Lima & Vala, 2004). Entretanto, Del Castillo et al. (2003) e Marinho et al. (2013) tomam os termos “sutil” e “implícito” como sinônimos, incorrendo em relevante imprecisão teórica, não havendo, inclusive, sustentação argumentativa nos artigos para justificar tal uso. Também não estão disponíveis definições precisas acerca das especificidades do constructo que haviam levado a essa nomeação.

Assim, a proposta desse estudo é adaptar uma escala para mensurar homofobia ou atitudes negativas para com a homo/bissexualidade na população geral, com base nos itens da EHSM, utilizando criteriosos procedimentos psicométricos. Produzir uma escala com poucos itens e de fácil aplicação, é um dos objetivos complementares do estudo. Em resumo, o objetivo geral é produzir evidências de validade para uma medida de homofobia.

MÉTODO

Os itens da Escala de Homofobia Sutil e Manifesta (Del Castillo et al., 2003) passaram pelos seguintes processos para que fossem utilizados na formulação proposta neste estudo: avaliação das adaptações existentes, proposição de ajustes na redação dos itens, avaliação de especialistas, avaliação do público alvo e levantamento de dados. Utilizou-se as recomendações de Borsa, Damásio e Bandeira (2012) para condução dessas etapas, considerando as especificidades desse estudo.

Em seguida, foi realizado um levantamento ($n = 985$) em plataforma *online*. Houve aprovação prévia de um Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE 14384619.3.0000.5546) para realização desta pesquisa. Foram observados os princípios éticos que regulamentam a realização de pesquisa com seres humanos, previstos nas resoluções CNS 466/12 e 510/16. Os participantes foram informados dos procedimentos e objetivos da pesquisa através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e só participaram da resolução do questionário *online* os que declararam concordar com os termos da pesquisa.

Finalmente, foram conduzidas investigações psicométricas objetivando a produção de evidências de validade da escala para o Brasil e de suas propriedades fatorias. Foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE), seguida de uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC) e estatística bivariada.

Participantes

Participaram deste estudo 985 pessoas, maiores de 18 anos. A média de idade foi de 26,01 anos ($DP = 7,52$), com uma amplitude que vai dos 18 aos 56 anos. A média de idade da primeira relação sexual foi 17,33 anos ($DP = 3,14$), sendo que 118 indivíduos se declararam virgens no momento da pesquisa. Oito indivíduos indicaram relação sexual antes dos 12 anos de idade, a primeira relação sexual variou dos 7 aos 34 anos, concentrando-se entre os 12 e os 24 anos. Quanto à identidade racial, brancos somaram metade da amostra (50,5%), enquanto negros (pretos e pardos) somaram 47,0%. Outras identificações, como amarelos e indígenas, somaram 2,5%. Pouco mais da metade da amostra foi composta por homens (59,6%). As mulheres representaram 39,3%. Houve também uma travesti e dez indivíduos não-binários (1,1%). Com relação a orientação sexual, heterossexuais representaram 62,3%, homossexuais 20,1% e bissexuais 15,2%. Pansexuais e assexuais juntos somaram 2,3%.

Os participantes vieram majoritariamente de quatro estados do Brasil (i.e. Sergipe, São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul), mas 24 estados foram alcançados com a pesquisa. Os respondentes classificaram o tamanho de suas próprias cidades: mais da metade vive na capital do seu estado (55,3%), estando o restante distribuído por cidades grandes (19,4%), médias (14,4%) e pequenas (10,9%) do estado, respectivamente. Com relação a renda familiar mensal, utilizou-se a classificação do IBGE, onde classe A tem renda igual ou superior a 20 salários mínimos, B entre 10 e 20, C entre 4 e 10, D entre 2 e 4, e E abaixo de 2 salários. As porcentagens foram, respectivamente, 6,4%, 10,6%, 26,5%, 24,8% e 31,7%. Quanto à escolaridade, os pesquisados possuíam em sua maioria nível superior incompleto (43,2%), seguidos por superior completo (20,8%) e pós-graduados (19,2%); os que não terminaram ou ainda não chegaram ao ensino médio somaram 3,0%, enquanto os que concluíram, 13,7%.

A divisão realizada no banco de dados, a fim de gerar grupos diferentes para serem submetidos à AFE e à AFC, foi aleatória, de modo a não manter qualquer hierarquia de ordem de resposta ao questionário ou organização por somatório dos grupos. Esse procedimento resultou, ainda assim, em amostras que não se diferenciavam nas medidas. Os grupos que participaram da AFE e da AFC não diferem quanto a medida principal de homofobia deste estudo ($t = 0,542$; $p = 0,588$), por exemplo.

Instrumentos

Escala de Atitudes frente à Homossexualidade (ATHO): elaborada por este estudo, é uma versão formulada a partir dos itens da Escala de Homofobia Sutil e Manifesta (Del Castillo et al., 2003); foi aplicada com 17 itens, mas em sua versão final apresenta 7 itens ($\alpha_{\text{geral}} = 0,881$) e dois fatores (atitudes distais, $\alpha = 0,855$ e atitudes proximais, $\alpha = 0,819$). Avalia homofobia, atitudes negativas em relação a homossexualidade ou preconceito contra diversidade sexual, e é direcionada à população geral; pode ser utilizada para se referir a indivíduos bissexuais também. É respondida através de uma escala de concordância, tipo Likert, de 7 pontos. É considerada uma escala de preconceito extremo, onde níveis mínimos de concordância podem ser interpretados como indicativos de preconceito contra

diversidade sexual.

Escala de Preconceito contra Diversidade Sexual e de Gênero Revisada (EPDSG-R; Costa, Machado, Bandeira, & Nardi, 2016): contém 18 itens ($\alpha = 0,93$) distribuídos em dois fatores, em um modelo *bi-factor*. A escala avalia o preconceito contra a diversidade sexual e de gênero. É respondida mediante uma escala de concordância, tipo Likert, de 5 pontos.

Escala de Homofobia Internalizada (EHI; Lira & Morais, 2019): contém 19 itens distribuídos em dois fatores – Percepção Interna do Estigma ($\alpha = 0,814$) e Percepção da Opressão Social ($\alpha = 0,622$). Neste estudo, utilizou-se apenas o fator de Percepção Interna do Estigma para inferir homofobia internalizada. A escala avalia homofobia internalizada e é respondida mediante uma escala de concordância, tipo Likert, de 4 pontos.

Questionário socioidentitário: desenvolvido pelos autores, apresenta questões sobre aspectos como idade, sexualidade, identificação étnico-racial, renda e escolaridade.

Procedimentos

Esses instrumentos foram utilizados em um formulário de pesquisa *online* que ficou disponível por 13 dias. O tempo médio de resolução dos participantes foi de 12 minutos. A divulgação da pesquisa ocorreu através de redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter e Whatsapp). Após encerrada essa etapa, o banco de dados gerado foi revisado e transferido para os programas estatísticos R e SPSS, nos quais foram realizadas as análises.

RESULTADOS

Reuniu-se um grupo de pesquisadores, junto aos autores desse estudo, para formulação (tradução e redação) dos itens dessa escala. Foram utilizadas como referência, além da versão em espanhol de Del Castillo et al. (2003), duas adaptações para o Brasil (Marinho et al., 2004; Souza, 2013). Foram feitas adaptações nos itens para melhor adequação do instrumento, tanto de forma teórica quanto prática. Por exemplo: foram retiradas as menções que obrigavam o respondente a ser heterossexual, foram descartadas as traduções que indicavam os fatores como sendo de homofobia implícita e explícita, foram privilegiadas traduções de termos mais próximas da versão espanhola, substituiu-se o termo “condição” por “sexualidade” em um dos itens, foram realizados ajustes gramaticais e no tempo verbal.

A versão produzida foi compilada junto às versões de referência e enviada para 3 juízes especialistas. Todos eram psicólogos e a titulação mínima era o mestrado em Psicologia. As experiências variavam entre psicometria, sexualidade humana e avaliação psicológica. Os itens foram avaliados separadamente e os juízes fizeram suas observações e proposições. As alterações foram realizadas e a escala foi destinada ao público-alvo da escala.

Elegeram-se cinco indivíduos, com diferentes identificações sociais, idade e escolaridade, para avaliar os itens. Foi avaliada a compreensibilidade dos itens, a projeção de compreensão para os semelhantes e houve espaço para sugestões. De modo geral, os respondentes aprovaram a redação dos itens e os compreenderam. Houve questionamento sobre o item 2, destacando sua possível ambiguidade.

Após isso, essa versão preliminar foi submetida a um grupo maior de respondentes, para produção de dados

que servissem à produção de outras evidências de validade para a escala. Observaram-se os comentários deixados pelos participantes na plataforma online. O processo de adequação linguística da escala deu-se por encerrado, visto que não houve observações dos respondentes.

Produção de evidências fatoriais

Os dados foram revisados e limpos, depois foram aleatoriamente divididos em duas partes. Então se submeteu a primeira parte ($n = 495$) a uma AFE no R, objetivando conhecer a estrutura fatorial mais adequada. O método de extração utilizado foi o PA (solução pelo fator principal). Avaliando-se a matriz de correlação policórica dos itens, percebeu-se que 6 itens (2, 3, 5, 6, 9, 14) apresentaram muitas correlações baixas (entre 8 e 16 interações com $r < 0,3$), o que indicou que dificilmente esses poderiam ajustar-se bem no processo de AFE, por isso decidiu-se por excluir esses dos próximos passos das análises. Em seguida, gerou-se nova matriz de correlações, na qual foi possível constatar a inexistência de correlações com $r < 0,3$.

Partiu-se para a verificação dos testes de adequação da amostra. O teste de KMO apresentou um resultado muito bom (0,91) e o teste de esfericidade de Bartlett foi significativo ($p < 0,001$). As comunalidades variaram entre 0,38 e 0,77. Avaliando as cargas fatoriais dos itens, decidiu-se selecionar os 8 itens com maior carga fatorial, eliminando do conjunto os 3 com menor carga fatorial (12, 15 e 17). Essa ação foi utilizada para ampliar a variância explicada da escala e melhorar o ajuste do conjunto, assim, foi possível aumentar a variância explicada de 59% para 65%. Além disso, possibilitou uma escala mais concisa e de fácil aplicação.

O processo foi refeito com os 8 itens restantes no conjunto de dados. Havia indícios de adequação da amostra, e a indicação de dois fatores, tanto pelo critério de Cattell como pelas análises paralelas. Entretanto, percebeu-se que o item 16 apresentou carga fatorial relevante nos dois fatores (0,32 e 0,45), quando a testada essa possibilidade. Decidiu-se, então, pela exclusão desse item do conjunto.

Finalmente, com 7 itens (1, 4, 7, 8, 10, 11, 13), o teste de esfericidade de Bartlett permaneceu significativo ($p < 0,001$) e teste de KMO apresentou um resultado um pouco menor (0,88), mas ainda adequado. A indicação de fatores mostrou-se pouco elucidativa, pois, apesar de haver a indicação das análises paralelas para dois fatores, a diferença numérica apontada era muito pequena. Além disso, a interpretação do *Scree plot* poderia indicar alguma ambiguidade, não podendo indicar com nitidez o caminho a ser tomado. Verificando-se que pelo teste de hipótese gerado um fator seria suficiente, decidiu-se manter os dois modelos para averiguação na AFC. Afinal, analisando-se os itens os dois modelos poderiam ser coerentes, visto que dificilmente sustentariam o modelo controverso da escala original. Nessa perspectiva, os valores de comunalidades observados variaram entre 0,64 e 0,87 no modelo com dois fatores e entre 0,58 e 0,75 no modelo com fator único. Os itens (renumerados) e suas cargas fatoriais estão dispostos na Tabela 1 (p. 140).

Os itens não atenderam a classificação entre sutil e manifesto, como proposto por Del Castillo et al. (2003), seja no modelo com um fator, seja no modelo com dois fatores. Entretanto, uma escala de homofobia moderna pode estar alinhada com outros constructos teóricos e manter-se coerente. Após exaustiva análise e consulta de juízes, nomeou-se o fator 1 como Atitudes Distais ($\alpha = 0,855$) e o fator 2 como Atitudes Proximas ($\alpha = 0,819$). O alfa de Cronbach do modelo com um fator apenas foi de 0,881.

Cumprido isso, intentou-se o processo de confirmação do modelo proposto através de uma AFC. Foi utilizada a segunda parte da amostra ($n = 490$). O método utilizado foi o WLSMV, adequado para dados de tipo Likert. Os parâmetros escolhidos para avaliar o modelo foram: (a) a razão entre o qui-quadrado e os graus de liberdade (χ^2 / df); (b) a raiz quadrada dos resíduos padronizados (SRMR); (c) a raiz quadrada do erro médio ajustada (RMSEA); (d) o índice de adequação de ajuste (CFI) e; (e) o índice de Tucker-Lewis (TLI). Todos os índices de ajuste obtidos foram considerados satisfatórios, segundo os parâmetros adotados, mesmo entre os parâmetros mais rígidos (Brown, 2006; Schreiber, Stage, King, Nora, & Barlow, 2006; Wheaton, Muthen, Alwin, & Summers, 1977). Nenhum Índice de Modificação (MI) foi executado no modelo com dois fatores. No modelo com apenas um fator, verificou-se que, inicialmente, os índices de ajuste não eram satisfatórios, entretanto havia clara indicação para execução de um MI entre os itens 3 e 4 (na nova numeração). Acatada essa indicação, identificou-se importante melhora no ajuste do modelo, tornando-o adequado e sugerindo novas aferições em pesquisas futuras para compreensão da estrutura fatorial da escala. Os índices de ajuste estão detalhados na Tabela 2 (p. 140).

Evidências de validade concorrente e convergente

Utilizando-se o banco de dados completo, realizaram-se correlações para produzir evidências de validade concorrente e convergente. A escala ATHO, seja em sua versão com um fator bem como com dois fatores, se correlacionou com a EPDSG. A correlação foi positiva e significativa ($p < 0,001$; $n = 971$), e a magnitude foi alta ($r = 0,851$). O mesmo ocorreu com os dois fatores propostos, Atitudes Distais ($r = 0,780$) e Atitudes Proximais ($r = 0,760$). Como avaliam o mesmo constructo (ou muito próximo), configurou-se uma evidência de validade concorrente.

Dentre os participantes lésbicas, gays e bissexuais ($n = 364$), foi aplicada a EHI. Obteve-se uma correlação positiva e significativa ($p < 0,001$) e com magnitude moderada ($r = 0,454$) em relação à versão com um fator. Na versão com dois fatores da ATHO, a correlação com o fator de Atitudes Proximais também foi moderada ($r = 0,482$), mas com o fator de Atitudes Distais, a magnitude foi fraca ($r = 0,334$). Ou seja, com o fator que trata de questões mais íntimas, a correlação foi maior do que com o fator que trata de questões mais externas ou sociais. Sendo essas, evidências de validade convergente.

Evidências de Validade de Critério

Verificou-se a existência de diferenças na média do somatório geral da ATHO entre homens e mulheres através de um Teste t. O resultado indicou que homens ($M = 2,30$; $DP = 1,39$) apresentaram pontuação média superior às mulheres ($M = 1,73$; $DP = 1,00$) de forma significativa ($t = -4,795$; $p < 0,001$). O mesmo procedimento foi feito entre dois grupos que levavam em consideração o tamanho das cidades dos participantes. O grupo daqueles que habitavam capitais ou cidades grandes ($M = 1,94$; $DP = 1,19$) apresentou médias menores do que o grupo que habitava cidades pequenas ou médias ($M = 2,43$; $DP = 1,43$) de forma significativa ($t = 7,335$; $p < 0,001$).

Avaliou-se também a existência de diferenças entre os grupos relacionados a renda, utilizando-se uma ANOVA unidirecional. Não foi encontrada nenhuma diferença significativa nos grupos [$F(4,980) = 2,049$; $p = 0,085$]. Já com relação à escolaridade, encontrou-se diferença significativa [$F(2,982) = 20,956$; $p < 0,001$] entre o grupo que fez até o Ensino Médio ($M = 2,64$; $DP = 1,46$) com relação aos grupos de graduação ($M = 1,95$; $DP = 1,21$) e pós-graduação (M

= 1,93; $DP = 1,17$). Utilizou-se o pós-teste de Games-Howell para identificar quais grupos diferiam significativamente.

Aplicando-se o mesmo procedimento, também foi encontrada diferença significativa entre as médias dos grupos de distintas orientações sexuais [$F(2,959) = 73,554$; $p < 0,001$]. Heterossexuais ($M = 2,42$; $DP = 1,38$) diferiram significativamente dos homossexuais ($M = 1,47$; $DP = 0,72$) e bissexuais ($M = 1,43$; $DP = 0,74$) da amostra.

DISCUSSÃO

O processo de produção da escala investiu na reformulação de alguns itens e termos objetivando produzir um conjunto mais coeso teoricamente e adequado para aplicação em população geral. As denominações explícita e implícita com referência à homofobia são inadequadas por serem imprecisas ao designar o constructo, podendo causar, inclusive, confusões com outros constructos, como é o caso da homofobia internalizada. Além disso, por ser aplicado à indivíduos heterossexuais acaba por descaracterizar o estudo da homofobia internalizada, academicamente direcionado à indivíduos não-heterossexuais (Antunes, 2017; Cerqueira-Santos, Silva, Rodrigues, & Santos, 2016; Frost & Meyer, 2009; Pereira & Leal, 2002). Por outro lado, a nova nomenclatura proposta, referindo-se a atitudes, exibe maior precisão quanto aos itens e menor ambiguidade. Refere-se a um constructo clássico da Psicologia Social com inúmeras experiências de mensuração por instrumentos de autorrelato (e.g. Biasutti, & Frate, 2017; Obara & Alvarenga, 2018; Ramos & Cerqueira-Santos, 2019) e não toma implícito e sutil como sinônimos.

A AFE executada resultou em dois modelos plausíveis de fatores e na eliminação de 10 itens dos 17 originais (58,8%). As cargas fatoriais foram satisfatórias, bem como os pressupostos de fatorabilidade. Estima-se como satisfatório o resultado. A redução da escala é vista como um aspecto positivo, pois instrumentos curtos e com boas qualidades psicométricas são preferidos por sua parcimônia e por reduzir estresse de resposta nos participantes (Cendón, Ribeiro, & Chaves, 2014; Freitas, Oliveira, Saccol, & Moscarola, 2000). Além disso, esse era um dos objetivos do estudo. O modo como os itens se agruparam, mesmo antes da retirada de itens, não respeitou o modelo indicado por Del Castillo et al. (2003). Isso indicaria, a princípio, que o modelo teórico inicialmente proposto possui ou baixa replicabilidade ou baixa conexão com os dados psicométricos obtidos nesta amostra. Do ponto de vista teórico, os argumentos que sustentam os agrupamentos, neste estudo e no original, visam constructos diferentes, dificultado a comparação dos modelos.

A nomeação dos fatores baseou-se no conteúdo comum dos itens. Percebeu-se que haviam direcionalidades distintas nos conjuntos de itens (social e íntimo). Após a consulta de especialistas, avaliou-se suas problematizações sobre os fatores e nomeou-se como distais e proximais. O fator 1 (atitudes distais) dispõe sobre atitudes sociais, ligadas à consideração de homossexuais como grupo social, tendo como principais temas as leis e a integração de homossexuais na sociedade. O fator 2 (atitudes proximais) considera as atitudes diante da homossexualidade na vida íntima ou familiar do sujeito. Tratando sobre relações sexuais e sentimentos diante dessa aproximação. O modelo com um único fator, reuniria as atitudes distais e proximais.

Os índices de ajuste obtidos na AFC foram excelentes. Isso reforçou a adequabilidade do instrumento, visto que se produziu um conjunto consideravelmente menor e com um agrupamento fatorial diverso do praticado na escala de origem. Os indicadores de confiabilidade obtidos pelo alfa de Cronbach corroboraram os modelos obtidos. Entretanto, a indefinição de qual o modelo fatorial mais adequado exige outras investigações utilizando amostras independentes. Em outra direção, a possibilidade de utilização da escala em formatos diferentes é admitida por

diferentes instrumentos e análises futuras poderão elucidar tais questões.

Ainda não é possível descartar a possibilidade de que os itens do fator 2 tenham se agrupado por conta de serem itens invertidos. Esse fenômeno é comum em escalas que apresentam itens com direções diferentes e há pouco controle possível para prevenir isso. Esse é um dos motivos que alguns autores têm evitado a utilização de itens com direções opostas na mesma escala. Apesar disso, os itens do fator 2 possuem coerência teórica reunidos, apresentam características que os aproximam para além do formato. Por isso, tal hipótese ainda é inconclusiva, havendo a necessidade de outras análises para sustentar com maior robustez uma resposta a esse questionamento.

Quando se correlacionou a ATHO com uma escala que avalia o mesmo constructo (EPDSG), obteve-se um satisfatório indício de validade concorrente. Em correlação com a EHI, houve indícios de validade convergente. Como a EHI avalia homofobia internalizada, era esperado que as medidas não se sobrepussem. Em adição, foi observada menor correlação com fator de atitudes distais, confirmando a vocação em avaliar aspectos mais íntimos na EHI e no fator de atitudes proximais.

Nesta amostra homens, moradores de cidades pequenas ou médias, pessoas que estudaram até o Ensino Médio e indivíduos heterossexuais apresentaram significativamente maiores pontuações na ATHO do que os grupos de comparação. Isso deve ser interpretado como uma evidência de validade de critério. A ATHO foi capaz de discriminar grupos que costumam apresentar maior homofobia em diferentes estudos: homens costumam apresentar mais homofobia que mulheres (Costa et al., 2013; Gormley & Lopez, 2010; Herek, 1998; LaMar & Kite, 1998; Nagoshi, 2008); heterossexuais mais do que não-heterossexuais (Costa et al., 2015, 2017); indivíduos com menor escolaridade em comparação aos com maior escolaridade (Costa et al., 2013; Van de Ven, 1994), e; moradores de pequenas cidades ou da zona rural em relação aos habitantes de grandes cidades ou de áreas urbanizadas (Costa et al., 2015, 2017).

A ATHO é uma escala de alta sensibilidade e de preconceito extremo, desse modo, baixas taxas de concordância também podem ser interpretadas como indicativos de atitudes negativas relacionadas à diversidade sexual. É incentivado o desenvolvimento de instrumentos de homofobia que possam acessar de forma mais acurada expressões mais sutis e modernas da homofobia. Apesar das bases epistemológicas da ATHO terem como fundamento teorias acerca da manifestação moderna do preconceito, verificou-se que esse instrumento ainda é mais sensível a expressões intensas e explícitas do fenômeno, bem como a EPDSG (Costa et al., 2016). Podendo ser utilizada para referir-se a indivíduos bissexuais também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propôs a formulação da ATHO para avaliação da homofobia, ou preconceito contra diversidade sexual, em população geral. A EHSM foi utilizada como base para formulação dos itens e foram realizados procedimentos de produção de evidência de validade no Brasil. Os indicadores de validade foram considerados satisfatórios, tanto em relação ao conteúdo, aos procedimentos fatoriais e os indicativos de validade concorrente, convergente e de critério. O instrumento é adequado para uso no Brasil.

Uma das limitações desse estudo foi utilizar fragmentos de um mesmo banco de dados para os procedimentos fatoriais exploratórios e confirmatórios, quando o mais adequado é utilizar dados provenientes de amostra diferentes. Entretanto, entende-se que esse procedimento é amplamente utilizado na psicometria e não compromete a

confiabilidade dos dados apresentados. Outra possível limitação é a realização *online* do *survey*, que deixa de fora uma parcela mais pobre e menos instruída que pode não ter acesso a esses mecanismos. O processo de formulação poderia ter incluído itens referentes a outras dimensões da homofobia, o que pode ser revisado em estudos futuros. Além disso, a amostra utilizada era, em sua maioria, bastante escolarizada, o que indica a necessidade de outros estudos com amostras menos escolarizadas.

É necessária aplicação do instrumento em outras amostras e contextos para verificar se são mantidos os índices de confiabilidade e fazer novas comparações entre os modelos com um e dois fatores, para maiores esclarecimentos quanto a estrutura fatorial. Além disso, incentiva-se a realização de investigações presenciais e com adolescentes, para elucidar o comportamento do instrumento com essas amostras. Bem como, é importante verificar sua relação com medidas de conservadorismo e autoritarismo, a fim de elucidar componentes cognitivos relacionados.

Referências

- Albuquerque, P. P., & de Williams, L. C. A. (2015). Homofobia na escola: relatos de universitários sobre as piores experiências. *Temas em Psicologia*, 23(3), 663-676.
- Antunes, P. P. S. (2017). *Homofobia Internalizada: o preconceito do homossexual contra si mesmo*. São Paulo: Annablume.
- Biasutti, M., & Frate, S. (2017). A validity and reliability study of the attitudes toward sustainable development scale. *Environmental Education Research*, 23(2), 214-230.
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(53), 423-432. doi:10.1590/S0103-863X2012000300014
- Brown, R. (2011). *Prejudice: Its social psychology*. John Wiley & Sons.
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory Factor Analysis for Applied Research*. New York, NY: The Guilford Press.
- Cendón, B. V., Ribeiro, N. A., & Chaves, C. J. (2014). Pesquisas de survey: análise das reações dos respondentes. *Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa*, 24(3), 29-48.
- Cerqueira-Santos, E., Silva, B. B., Rodrigues, H. dos S., & Santos, L. dos (2016). Homofobia internalizada e satisfação conjugal em homens e mulheres homossexuais. *Contextos Clínicos*, 9(2), 148-158.
- Costa, A. B., Bandeira, D. R., & Nardi, H. C. (2013). Systematic review of instruments measuring homophobia and related constructs. *Journal of Applied Social Psychology*, 43(6), 1324-1332.

- Costa, A. B., Catelan, R. F., Araujo, C. L. D., Silva, J. P. D., Koller, S. H., & Nardi, H. C. (2017). Efeito de configuração no apoio ao casamento de pessoas do mesmo sexo em universitários brasileiros. *Psico (Porto Alegre)*, 48(2), 99-108.
- Costa, A. B., Machado, W. de L., Bandeira, D. R., & Nardi, H. C. (2016). Validation study of the revised version of the Scale of Prejudice Against Sexual and Gender Diversity in Brazil. *Journal of homosexuality*, 63(11), 1446-1463. doi:10.1080/00918369.2016.1222829
- Costa, A. B., Peroni, R. O., de Camargo, E. S., Pasley, A., & Nardi, H. C. (2015). Prejudice toward gender and sexual diversity in a Brazilian Public University: prevalence, awareness, and the effects of education. *Sexuality Research and Social Policy*, 12(4), 261-272.
- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 11(2), 213-228.
- Del Castillo, M. N. Q., Rodríguez, V. B., Torres, R. R., Pérez, A. R., & Martel, E. C. (2003). La medida de la homofobia manifiesta y sutil. *Psicothema*, 15(2), 197-204.
- Ferreira, C. C., & Ferreira, S. P. A. (2015). Vivências escolares de jovens homossexuais afeminados: estratégias de resistência e permanência. *Tópicos Educacionais*, 21(2), 103-138.
- Freitas, H., Oliveira, M., Saccol, A. Z., & Moscarola, J. (2000). O método de pesquisa survey. *Revista de Administração da Universidade de São Paulo*, 35(3), 105-112.
- Frost, D. M., & Meyer, I. H. (2009). Internalized homophobia and relationship quality among lesbians, gay men, and bisexuals. *Journal of counseling psychology*, 56(1), 97-109.
- Gato, J., Carneiro, N. S., & Fontaine, A. M. (2011). Contributo para uma revisitação histórica e crítica do preconceito contra as pessoas não heterossexuais. *REVISTA CRÍTICA E SOCIEDADE*, 1(1), 139-167.
- Gato, J., Fontaine, A. M., Leme, V. B. R., & Leme, A. A. (2015). Homofobia transatlântica: preconceito contra lésbicas e gays em Portugal e no Brasil. *Temas em Psicologia*, 23(3), 701-713.
- Gormley, B., & Lopez, F. G. (2010). Authoritarian and homophobic attitudes: Gender and adult attachment style differences. *Journal of Homosexuality*, 57(4), 525-538.
- Herek, G. M. (1988). Heterosexuals' attitudes toward lesbians and gay men: Correlates and gender differences. *Journal of sex research*, 25(4), 451-477.

- Herek, G. M. (2004). Beyond "homophobia": Thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century. *Sexuality Research & Social Policy*, 1(2), 6-24.
- LaMar, L., & Kite, M. (1998). Sex differences in attitudes toward gay men and lesbians: A multidimensional perspective. *Journal of Sex Research*, 35(2), 189-196.
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de psicologia (Natal)*, 9(3), 401-411.
- Lira, A. N. D., & Morais, N. A. D. (2019). Validity Evidences of the Internalized Homophobia Scale for Brazilian Gays and Lesbians. *Psico-USF*, 24(2), 361-372.
- Marinho, C. D. A., Marques, E. F., Almeida, D. R. D., de Menezes, A. R., & Guerra, V. M. (2004). Adaptação da escala de homofobia implícita e explícita ao contexto brasileiro. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 14(29), 371-379.
- Morrison, M. A., & Morrison, T. G. (2003). Development and validation of a scale measuring modern prejudice toward gay men and lesbian women. *Journal of Homosexuality*, 43(2), 15-37.
- Nagoshi, J. L., Adams, K. A., Terrell, H. K., Hill, E. D., Brzuzy, S., & Nagoshi, C. T. (2008). Gender differences in correlates of homophobia and transphobia. *Sex roles*, 59(7-8), 521-531.
- Natarelli, T. R. P., Braga, I. F., Oliveira, W. A. D., & Silva, M. A. I. (2015). O impacto da homofobia na saúde do adolescente. *Escola Anna Nery*, 19(4), 664-670.
- Obara, A. A., & Alvarenga, M. D. S. (2018). Adaptação transcultural da Escala de Atitudes Antiobesidade para o português do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23, 1507-1520.
- Pachankis, J. E., Sullivan, T. J., Feinstein, B. A., & Newcomb, M. E. (2018). Young adult gay and bisexual men's stigma experiences and mental health: An 8-year longitudinal study. *Developmental psychology*, 54(7), 1-13. doi:10.1037/dev0000518
- Pereira, H., & Leal, I. (2002). A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais. *Análise Psicológica*, 20(1), 107-113.
- Perucchi, J., Brandão, B. C., & Vieira, H. I. D. S. (2014). Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 19(1), 67-76.
- Pettigrew, T.F., & Meertens, R.W. (1995). Subtle and blatant prejudice in western Europe. *European Journal of Social Psychology*, 25, 57-75.

- Plöderl, M., & Tremblay, P. (2015). Mental health of sexual minorities. A systematic review. *International review of psychiatry*, 27(5), 367-385. doi:10.3109/09540261.2015.1083949
- Raja, S., & Stokes, J. P. (1998). Assessing attitudes toward lesbians and gay men: The modern homophobia scale. *International Journal of Sexuality and Gender Studies*, 3(2), 113-134.
- Ramos, M. de M., & Cerqueira-Santos, E. (2019). Escala de Atitudes Negativas sobre Afeminação (ANA): adaptação e evidências de validade no Brasil. *Psico*, 50(2), 313-42.
- Sacco, A. M. (2017). Medidas Implícitas. Em Damásio, B. F., & Borsa, J. C. *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp. 173-193). Vetor Editora.
- Schreiber, J. B., Stage, F. K., King, J., Nora, A., & Barlow, E. A. (2006). Reporting structural equation modeling and confirmatory factor analysis results: A review. *The Journal of Educational Research*, 99(6), 324-337. doi:10.3200/JOER.99.6.323-338
- Souza, J. M. D. (2013). *Bullying: uma das faces do preconceito homofóbico entre jovens no contexto escolar* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Sergipe.
- Tougas, F., Desruisseaux, J. C., Desrochers, A., St-Pierre, L., Perrino, A., & de la Sablonnière, R. (2004). Two forms of racism and their related outcomes: The bad and the ugly. *Canadian Journal of Behavioral Science*, 36, 177-189.
- Van de Ven, P. (1994). Comparisons among homophobic reactions of undergraduates, high school students, and young offenders. *Journal of Sex Research*, 31(2), 117-124.
- Wheaton, B., Muthen, B., Alwin, D. F., & Summers, G. (1977). Assessing Reliability and Stability in Panel Models. *Sociological Methodology*, 8(1), 84-136. doi:10.2307/270754

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Cargas Fatoriais da Escala de Atitudes frente à Homossexualidade

Itens	Modelo com dois fatores: Fator 1	Modelo com dois fatores: Fator 2	Modelo com fator único
1. Existem muitos grupos de homossexuais que pressionam os políticos para conseguir mais direitos e isso pode fazer com que os direitos dos heterossexuais sejam fragilizados.	0,80	-	0,76
2. Não acredito que os homossexuais necessitem de medidas ou leis direcionadas para seu grupo.	0,79	-	0,79
3. Se eu tivesse um filho/filha eu não me importaria que ele/ela tivesse relações íntimas com alguém do mesmo gênero. (R)	-	0,96	0,76
4. Se fosse o caso, eu não veria problema em sentir desejo de ter relações sexuais com alguém do mesmo gênero que eu. (R)	-	0,83	0,79
5. Se acontecesse, não me importaria que alguém homossexual tivesse relações íntimas com alguém da minha família. (R)	-	0,63	0,84
6. Do mesmo modo que os imigrantes adotam os costumes dos países em que chegam, creio que os homossexuais poderiam fazer o mesmo e serem mais discretos.	0,76	-	0,84
7. Se os homossexuais realmente se esforçassem em integrar-se à sociedade, não precisariam fazer tantas manifestações nem se esconder.	0,97	-	0,87

Nota: (R) = itens com necessidade de recodificação invertida para o cálculo da média aritmética utilizada como escore dos fatores e da escala. Desse modo, valor 1 transforma-se em 5, 2 em 4, 4 em 2 e 5 em 1.

Tabela 2 - Índices de adequação de ajuste de Análise Fatorial Confirmatória da ATHO

Modelo	χ^2 (df)	χ^2 / df	SRMR	CFI	TLI	RMSEA (90% CI)
Com 7 itens em dois fatores	18,102 (13)	1,392	0,022	0,992	0,987	0,028 (0,000 – 0,057)
Com 7 itens em 1 fator	94,602 (14)	6,75	0,063	0,869	0,804	0,109 (0,088 – 0,130)
Com 7 itens em 1 fator (ajustado)	59,882 (13)	4,60	0,050	0,924	0,877	0,086 (0,065 – 0,108)